

EXPLORANDO OS ELEMENTOS PSICOSSOCIAIS DA CRIMINOLOGIA DO HOMICÍDIO NO NORDESTE: UM ESTUDO EMPÍRICO

Amin Seba Taissun

Advogado (UniFMU) e mestrando em Psicologia Cognitiva pela UFPE

Bruno Campello de Souza

D.Sc é professor do depto de Administração de Empresas pela UFPE e professor colaborador do depto. de Psicologia Cognitiva pela UFPE

Edson Soares da Silva

Bacharel em Administração de Empresas pela UPE e mestrando em Psicologia Cognitiva pela UFPE

Mônica Gomes Teixeira Campello de Souza

Mônica Gomes Teixeira Campello de Souza, M.Sc, advogada (UniCAP), Mestre e doutoranda em Psicologia Cognitiva pela UFPE

RESUMO

A presente pesquisa tem por principal objetivo apresentar, em breves linhas, os resultados empíricos de um estudo sobre o tema, explorando os diferentes aspectos da cultura da honra e sua relação com os homicídios, visando contribuir para novas propostas acadêmicas e ações sociais, identificando-se também simultaneamente o papel do QI, da hipercultura, da personalidade e da regulação emocional nesse processo. Os participantes, todos universitários, foram convidados a participar do estudo, como voluntários e foram submetidos aos instrumentos de pesquisa. Como resultados, os estudos futuros sobre os homicídios no nordeste brasileiro precisam considerar o impacto dos componentes culturais sobre a psicologia do indivíduo.

Palavra chave????

ABSTRACT

This research has as a main goal to present the empirical results of a study about exploring different aspects of the culture of honor and its relation to homicide, in order to contribute with new academic and social activities. It also aims to identify the role of IQ, the hyperculture, personality and emotional regulation in this process. The participants were invited to participate in the study as volunteers and were submitted to the research instruments. As a result, the future studies on homicides in Northeast of Brazil must consider the impact of cultural components on the human psychology.

INTRODUÇÃO

O Mapa da Violência 2012, produzido pelo Instituto Sangari, ratificou os índices de aumento da violência no Brasil, apontando a ocorrência de 1,09 milhão de homicídios entre 1980 e 2010. De fato, o Brasil tem uma média anual de mortes violentas superior à de diversos conflitos armados internacionais. Apesar de ter diminuído o índice em algumas capitais do país, o Brasil ainda vive uma epidemia de homicídios – 26,2 por 100 mil habitantes – crescendo, sobretudo, em municípios do interior, outrora lugares mais seguros de se viver. Fazendo-se o levantamento médio de 30 anos, chegou-se ao número de 36,3 mil mortos ao ano, superando em números absolutos a média anual de conflitos como o da Chechênia, com 25 mil mortos, e da guerra civil de Angola, com 20,3 mortos ao ano (Idoeta, 2012). Através do levantamento feito pelo Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde, em 2010 ocorreram quase 50 mil assassinatos no país, com aproximadamente 137 homicídios por dia, fazendo com que, pelo número tão expressivo, torne-se fácil banalizar a situação (Portal da Saúde, 2010).

Diante dos dados ora apresentados, tornou-se necessária uma pesquisa empírica para identificar, na amostra, alguns aspectos psicológicos, culturais e sociais sobre o homicídio e, em especial, suas relações com a cultura da honra e com as emoções.

1 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DA HONRA NA PSICOLOGIA DO HOMICÍDIO

Campello de Souza e cols. investigaram os fatores que governam a execução do crime de homicídio usando uma abordagem abrangente, englobando elementos de teorias baseadas em frustração socioeconômica, processos decisórios, apego emocional, testosterona, desenvolvimento moral, valores morais e a cultura da honra (Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza, 2009; Campello de Souza, 2010; Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza, 2011).

Em seu estudo, Campello de Souza e cols. pesquisaram 160 homens pernambucanos adultos sem qualquer diagnóstico psicológico ou psiquiátrico grave, sendo 57 condenados por homicídio, 63 com outras condenações e 40 sem condenação. Os participantes foram submetidos a um questionário, diversos testes psicológicos e medidas da relação entre dígitos da mão direita para medir níveis de testosterona. A análise dos dados produziu achados indicando que, pelo menos para a população estudada: **1)** O homicídio é um crime peculiar que não se estende da violência ou criminalidade em geral com os crimes violentos, sendo mais estreitamente associados a crimes não violentos do que aos homicídios; **2)** Não há um perfil característico para um homicida em termos de frustração socioeconômica, processo de tomada de decisões, apego, valores morais, desenvolvimento moral ou testosterona; **3)** A principal razão para um homicídio é a ocorrência de uma motivação relacionada à honra com a por ganhos materiais, esta associada a outros crimes (ambas motivações mostrados como sendo mutuamente excludentes); e **4)** Modelos de regressão logística usando motivações relacionadas a honra e a ganhos materiais como variáveis preditivas são capazes de identificar corretamente mais de 80% dos homicidas numa amostra mista.

Tais achados forçam o descarte das teorias testadas, salvo apenas pela cultura da honra, a qual deve ser considerada como um modelo eficaz pra explicar o fenômeno do homicídio, ao menos no contexto do Nordeste brasileiro (Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza, 2009; Campello de Souza, 2010; Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza, 2011).

Na literatura científica há notável escassez de escalas para se medir a força, composição e estrutura de imperativos morais ligados à moralidade e honra, o que representa um obstáculo considerável no estudo da cultura da honra em termos de seus condicionantes, características e impactos (Guerra & Giner-Sorolla, 2008).

Rodriquez Mosquera, Fischer, Manstead e Zaalber (2008) contribuíram para reduzir essa falha ao desenvolverem uma escala denominada de *Honor Scale* voltada para medir o grau em que diferentes ameaças à honra se traduzem em sensações de mal estar para os indivíduos afetados, desencadeando respostas de desaprovção, retraimento ou ataque. Tal instrumento produz, além de um escore geral da intensidade da cultura da honra, escores específicos relativos a: **1) Honra Masculina:** Reação a ameaças à imagem de autoridade, status, capacidade ou virilidade; **2) Honra Feminina:** Reação a ameaças à imagem de pudor, à modéstia, ao recato ou à castidade; **3) Família:** Reação a ameaças à boa imagem da própria família como um todo ou a dos seus membros; **4) Integridade:** Ameaças à reputação de honestidade, lealdade, confiabilidade ou retidão.

Em particular, tal instrumento mostrou-se útil para diferenciar as respostas emocionais e comportamentais entre indivíduos morando na Holanda oriundos de culturas com maior ou menor orientação para a honra. O instrumento também foi validado para uso no Brasil Rodriguez Mosquera, Fischer, Manstead e Zaalber (2008).

A *Honor Scale* apresenta um grande potencial para se desvendar detalhes e aspectos específicos da cultura da honra que poderão lançar luz sobre a sua estrutura e dinâmica. Considerando o importante papel da cultura da honra na propensão ao homicídio (Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza, 2009; Campello de Souza, 2010; Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza, 2011), isso representa um interessante conjunto de possibilidades para a pesquisa criminológica.

2. O PAPEL DA INTELIGÊNCIA, EMOÇÃO E PERSONALIDADE NO CRIME

2.1. O MODELO DO PSIQUISMO DE WALLON

Segundo Henri Wallon, o ser humano é o resultado de influências sociais e fisiológicas, predominando a importância das primeiras. Para ele, o desenvolvimento é o processo pelo qual o indivíduo sai de uma completa imersão social e eventualmente atinge uma diferenciação em relação ao ambiente, em oposição ao mundo exterior. Tal desenvolvimento ocorreria por meio de estágios sucessivos, sendo eles o Impulsivo-Emocional, Sensoriomotor-Projetivo, Personalismo e Categorical. Isso se daria através de um processo assistemático, dialético e contínuo (Mahoney & Almeida, 2004).

Um dos pontos centrais da teoria de Wallon (1995) é noção de que a cognição está alicerçada em quatro campos funcionais: Movimento, Afetividade, Inteligência e Pessoa. Essas relações não são harmônicas, mas conflitantes entre si. A pessoa, como campo funcional, cumpre um papel integrador importante, mas não absoluto. A cognição desenvolve-se de maneira dialética, em um constante processo de tese, antítese e síntese entre os campos funcionais (Quadro 1).

Quadro 1: Mapa conceitual da dinâmica do psiquismo segundo Wallon.



A visão de Wallon acerca da dinâmica do desenvolvimento humano, um processo que ele descreve como se prolongando ao longo de toda a vida do indivíduo, aponta para um papel crucial dos campos funcionais em fenômenos complexos de significação que incluem o envolvimento no crime (Silva e Rossetti-Ferreira,

2002). Isso implica em possíveis influências significativas de elementos como a inteligência, a emoção e a personalidade em atos delituosos, incluindo-se os homicídios.

2.2. INTELIGÊNCIA, QI E CRIMINALIDADE

Wallon (1995) estabelece um papel importante para a inteligência no psiquismo humano, definindo-a como a fonte do raciocínio simbólico, da abstração e da linguagem. A sua função na construção de significados apresenta uma relação direta com a propensão ao engajamento em comportamento criminoso (Silva e Rossetti-Ferreira, 2002).

Embora os famosos testes de QI sejam fortemente criticados no que concerne às suas limitações enquanto medida de inteligência geral (Roazzi & Campello de Souza, 1999), reconhece-se amplamente a sua capacidade de aferir o raciocínio lógico-matemático e linguístico (Eysenck, 1981). Desse modo, é defensável o uso de testes psicométricos para se aferir a inteligência nos moldes estabelecidos por Wallon (1995).

Um exemplo disso é dado por Walsh (1987), o qual, estudando um grupo de 256 delinquentes juvenis norte-americanos, encontrou que o QI mais baixo predispõe a crimes impulsivos e espontâneos que oferecem gratificação imediata, enquanto que um QI mais alto inclinaria mais para crimes que requerem planejamento e oferecem gratificação mais tardia.

2.3. REGULAÇÃO EMOCIONAL E CRIMINALIDADE

A regulação de emoções envolve a capacidade de se controlar os impulsos, retardar a gratificação e moderar a expressão emocional (Goleman, 1996). Segundo Henri Wallon, trata-se de uma capacidade que surge através da interação com a inteligência (Wallon, 1995), sendo um elemento importante para o envolvimento criminal (Silva e Rossetti-Ferreira, 2002).

Diversos estudos têm apontado para a importância da regulação emocional na propensão ao crime, sendo a sua falta associada a diversos tipos de delito violento tanto em jovens quanto em adultos (Assis e Constantino, 2005; Del-Bem, 2005; Ribeiro e Sani, 2009; Soares, 2010).

2.4. PERSONALIDADE E CRIMES

Uma das formas mais convenientes e amplamente utilizadas de se avaliar traços de personalidade é Modelo dos Cinco Fatores, também conhecido como *Big-Five* (Digman, 1990). Trata-se de um modelo que avalia a personalidade ao longo de cinco estruturas identificadas a partir de estudos multivariados, sendo elas: **1) Extroversão**: Ser sociável, assertivo, comunicativo, ativo, gregário, enérgico, entusiasta, ambicioso e expressivo, sendo o seu oposto a Introversão; **2) Agradabilidade**: Ser amável, hedonista e motivado para a intimidade interpessoal, buscando amizade, conformidade social, respeito e amor, abrangendo cortesia, confiança, cooperação e generosidade, sendo o seu oposto a Misanthropia; **3) Conscienciosidade**: Ser metódico, organizado, seguro, avesso ao risco, minucioso, responsável, determinado, confiável e autodisciplinado, sendo o seu oposto o Relaxamento ou Descuido; **4) Estabilidade**: Ser seguro, tranquilo, sendo o seu oposto o neuroticismo, ou seja, ser inseguro, ansioso, deprimido, irritado, envergonhado,

emotivo, desconfiado, preocupado e autopiedoso; e **5) Abertura:** Ser imaginativo, científico, artístico, cultural, de mente aberta e organizada, sendo o seu oposto a Cautela.

A natureza essencialmente descritiva dessa estrutura torna-se uma vantagem, tendo em vista que a sua validade empírica para múltiplos contextos e comportamentos somada à falta de vinculação a um modelo específico favorece uma taxonomia comum para a área sem prejuízo de uma posterior amplitude de elaboração teórica (Goldberg, 1981).

De particular relevância para a questão dos homicídios e a cultura da honra, são as dimensões de Agradabilidade, cujo oposto seria suspeição ou antagonismo, e de Neuroticismo, ligado a ansiedade e raiva, além de, possivelmente, Conscienciosidade, associada à capacidade de autocontrole.

2.5. HIPERCULTURA

A Teoria da Mediação Cognitiva (TMC) é um modelo da cognição humana que busca explicar os impactos da introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação na sociedade como um todo a partir da última década do Século XX, tentando dar conta das mudanças cognitivas e individuais resultantes de tal fenômeno. Trata-se de um modelo fundamentado na ideia de que a inteligência humana não resulta apenas do funcionamento cerebral, mas também da complementação desse funcionamento pelo o processamento auxiliar realizado por estruturas externas ao indivíduo (mediação), o que inclui objetos, artefatos, grupos sociais e culturas. Com isso, integra-se os aspectos essenciais das famosas teorias de Jean Piaget, Gerard Vergnaud, Lev S. Vygotsky e Robert J. Sternberg num único construto científico coerente (Campello de Souza e Roazzi, 2003; Campello de Souza, 2006; Campello de Souza e Roazzi, 2007).

A TMC considera que a chamada Revolução Digital levou ao aparecimento de novos conceitos, lógicas, valores, práticas e hábitos sócio-culturais que constituem uma nova forma de mediação denominada de Hiper cultura, em função da qual ocorrem novas formas de pensar e agir caracterizadas por: **1) Domínio das TIC;** **2) Uso de metáforas com a TI;** **3) Raciocínio matemático-científico;** **4) Transcontextualidade;** **5) Pensamento visual;** **6) Redes sociais e social computing;** **7) Ideais libertários e tolerantes às diferenças;** **8) Navegação e buscas em grandes bases de dados e informações;** e **9) Aumento da capacidade mental de forma robusta e abrangente.**

Tais expectativas teóricas foram testadas através de um total de cinco investigações empíricas distintas extensas (Campello de Souza e Roazzi, 2003; Campello de Souza, 2006; Campello de Souza e Roazzi, 2007; Campello de Souza e Roazzi, 2009; Campello de Souza, De Lima e Silva, e Roazzi, 2010).

Considerando o grau de abrangência e a profundidade dos impactos psicossociais da Hiper cultura, inclusive no que concerne à inteligência e aos valores morais, é de se esperar que haja alguma relação com questões de criminalidade em geral e até de homicídio em particular.

3. MÉTODO

3.1. PARTICIPANTES E PROCEDIMENTOS

Um total de 62 estudantes universitários baianos adultos dos cursos de Direito e Enfermagem de uma faculdade privada do município de Paulo Afonso, na Bahia, sendo 18 homens (31%) e 44 mulheres (69%),

com média de idade de 26.7 anos (DP=9.88), variando dos 17.2 aos 58.7 anos. Os participantes foram abordados em sala de aula e convidados a participar do estudo, com os voluntários (mais de 85% do total) sendo submetidos aos instrumentos.

3.2. INSTRUMENTOS

1) Questionário especialmente preparado contendo: **a)** Sexo, idade, renda e estado civil; **b)** Importância dada a leis, religião, costumes, família e vontade; **c)** Relação com as tecnologias da informação e comunicação; **d)** Anos de pena que daria a diversos tipos de crime; **e)** Experiência pessoal com homicídios. **2)** Versão traduzida para o português da *Honor Scale* de Rodriquez Mosquera, Fischer, Manstead e Zaalberg (2008); **3)** *The Ten-Item Personality Inventory* de Gosling, Rentfrow e Swann Jr., (2003) para a medida de personalidade Segundo o modelo *Big Five*; **4)** Teste de Pensamento Acadêmico de Campello de Souza (1997) para a medida psicométrica do QI; e **5)** Questionário de Regulação Emocional de Gross e John (2003) para a medida do controle emocional.

4. ANÁLISES

4.1. INDICADORES

4.1.1. Experiência com homicídios

Na impossibilidade ética e prática de perguntar diretamente a um indivíduo se ele ou ela teria cometido um homicídio ou sequer cogitado o assunto, uma alternativa seria indagar acerca da sua experiência ou não com o fenômeno, seja por meio da vítima ou do autor. Por um lado, isso permite que o respondente possa resguardar de ser pressionado a confessar a eventual autoria de um crime. Por outro, entra em sintonia com a noção de que a cultura da honra tende a ser geograficamente delimitada (Cohen and Nisbett, 1996; Reed, 1982), de modo que se pode supor que, se alguém tem um elevado nível de tal cultura, então ele ou ela provavelmente mora numa região onde a mesma é prevalente, região esta que, por isso mesmo, deve ter um índice mais elevado de homicídios, sendo o inverso também verdadeiro.

Três tipos de experiência com homicídios foram avaliadas no presente estudo, sendo elas: **1)** Ter alguém que morava na sua residência vítima de algum tipo de homicídio; **2)** Ter algum amigo ou parente que não morava na sua casa vítima de homicídio; e **3)** Conhecer pessoalmente um homicida. A soma de quantos desses tipos de experiência com o homicídio cada indivíduo tem, gera um número variando de 0 a 3, que constitui o Indicador de Experiência com Homicídios.

4.1.2. Honra Homicida

A partir dos resultados de estudos ainda não publicados da parte de Campello de Souza, Campello de Souza e Roazzi (trabalho a ser submetido a publicação) com 587 adultos em Recife, Pernambuco, tomou-se da *Honor Scale* de Rodriquez Mosquera, Fischer, Manstead e Zaalberg (2008) a média dos itens 4, 8, 11, 12, 15 e 21 (alguns dos componentes da chamada Honra Masculina, pontuados de forma direta) e somou-se com a média dos itens 2 e 6 (dois dos componentes da Honra de Integridade, pontuados inversamente), tirando-se a média desses dois resultados. Com isso, criou-se um índice de Honra Homicida de valor entre 1 e 9, ou seja,

um indicador da intensidade dos aspectos da cultura da honra que se sabe estarem associados à ocorrência de homicídios.

4.1.3. Penalidade Dada a Homicídios

No questionário de pesquisa, perguntou-se aos respondentes quantos anos de pena dariam a criminosos que cometessem: **1)** Homicídio de Mulher Infiel; **2)** Homicídio de Amante da Mulher; **3)** Homicídio em Resposta a Insulto; **4)** Homicídio Para Roubar (Latrocínio); **5)** Homicídio Durante Uma Briga; e **6)** Homicídio de Um Bandido Por Outro. A média das penas dadas aos seis tipos de homicídio acima constitui um indicador da Penalidade Dada a Homicídios.

4.1.4. Hipercultura

Com base nas respostas dadas acerca do relacionamento com as tecnologias da informação e da comunicação, foram criados indicadores de: **1) Hardware:** Uso de computador de mesa, notebook/laptop, netbook, tablet e/ou smartphone; **2) Software:** Uso de editor de textos, planilha, editor de apresentações, programas de desenho/imagem, sistemas corporativos, jogos simples, jogos complexos e outros tipos de software; **3) Internet:** Engajamento em atividades via Internet de e-mail, buscador, edição Web, blogs, bate-papo, jogos online de diversos tipos, redes sociais, Twitter, baixar vídeos, música ou software; e **4) Tempo:** Tempo semanal passado usando computadores e/ou Internet. (Todos normalizados em uma escala de 0 a 1). Após, os indicadores foram combinados, em partes iguais, em único indicador de Hipercultura, com valor entre 0 e 1.

4.2. MÉTODOS ESTATÍSTICOS

Foram utilizadas no presente estudo as técnicas básicas da estatística descritiva, incluindo média e desvio padrão, além de histograma e diagrama de *box & whiskers*. Para estatística inferencial, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman.

Para a análise multivariada foi utilizada o escalonamento multidimensional, técnica *Smallest Space Analysis* (SSA), que transforma o grau de relacionamento entre as variáveis em distâncias que são tão menores quanto maior associação entre elas. O resultado foi expresso em escalograma, cujas variáveis são representadas por pontos. Para a interpretação teórica dos achados utilizou-se o método da teoria das facetas.

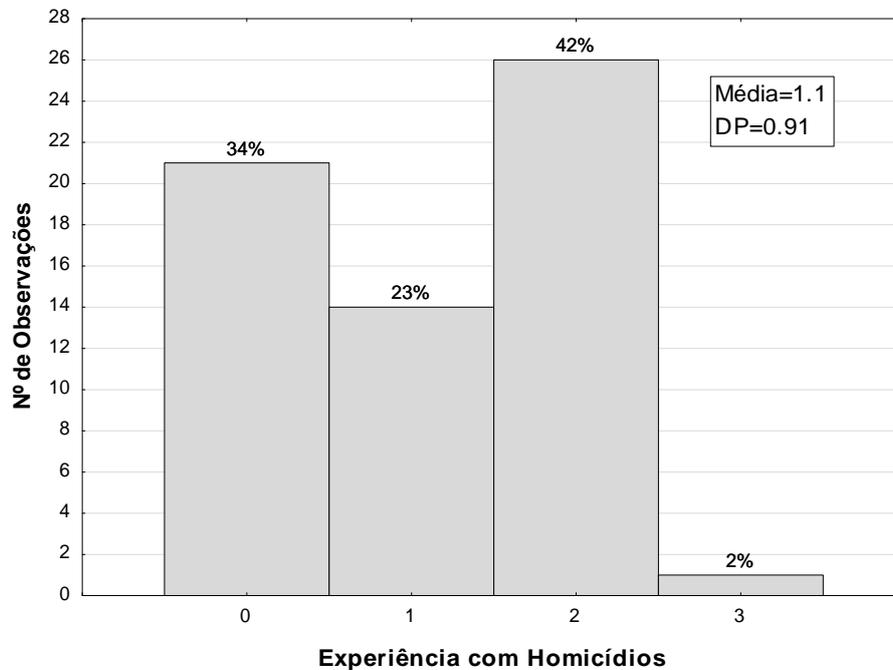
5. RESULTADOS

5.1. EXPERIÊNCIA COM HOMICÍDIOS

No que concerne à experiência pessoal com homicídios, tem-se que, dentre os participantes estudados: **1)** Cerca de 6% tiveram alguém que morava na sua residência vítima de homicídio; **2)** Cerca de 55% tiveram algum amigo ou parente que não morava na sua casa vítima de homicídio; e **3)** Cerca de 50% conheceram

pessoalmente um homicida. O indicador de Experiência com Homicídios apresentou a distribuição que conta no Gráfico 1

Gráfico 1: Histograma do indicador de Experiência com Homicídios

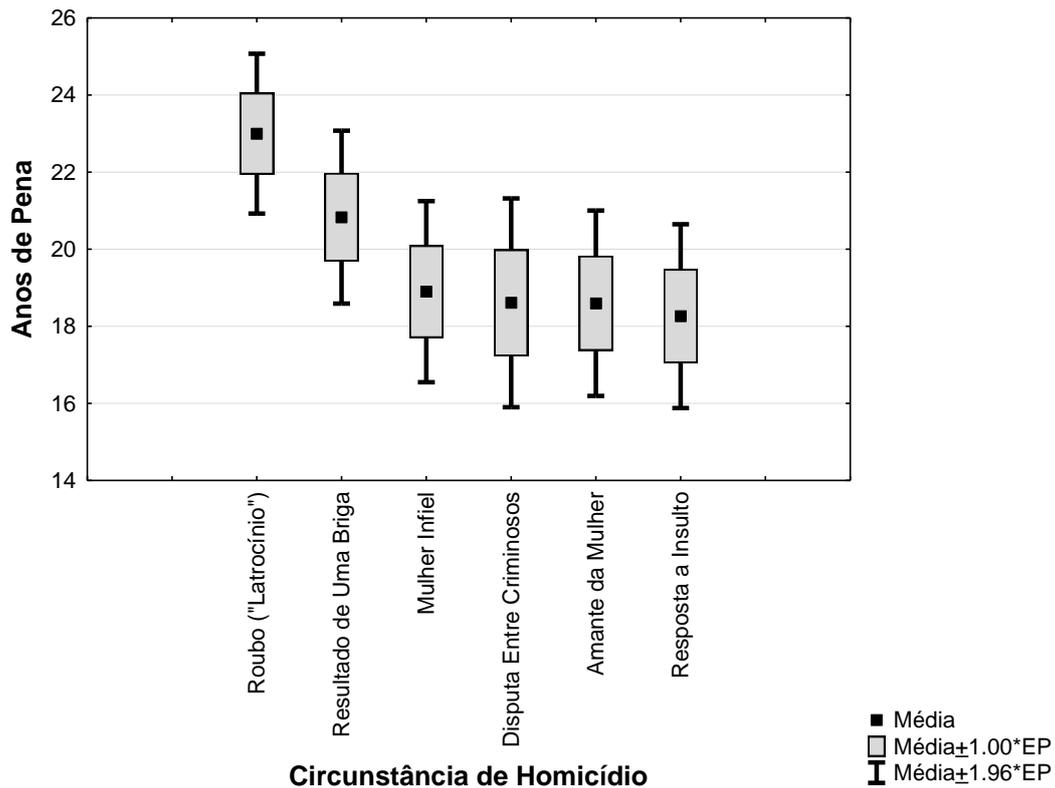


Ao todo, 34% não tiveram nenhuma das experiências aferidas e apenas 2% tiveram todas as três.

5.2. PENA DADA AOS HOMICÍDIOS

A média das penas dadas aos homicídios nas seis circunstâncias indagadas foi de 19.6 anos (DP=7.71), com mediana 20.5 e moda 30.0, variando individualmente dos 2.7 aos 30 anos. O Gráfico 2 mostra o diagrama de box & whiskers para a pena dada aos homicídios nas seis circunstâncias exploradas na pesquisa.

Gráfico 2: Diagrama box & whiskers da Pena Dada aos Homicídios:



A ANOVA de Friedman mostrou que as seis médias do Gráfico 2 não se mostraram estatisticamente equivalentes (Qui Quadrado (N=59, gl=5) = 24.058, $p < .01$), com destaque para a pena média mais elevada dada ao “latrocínio”.

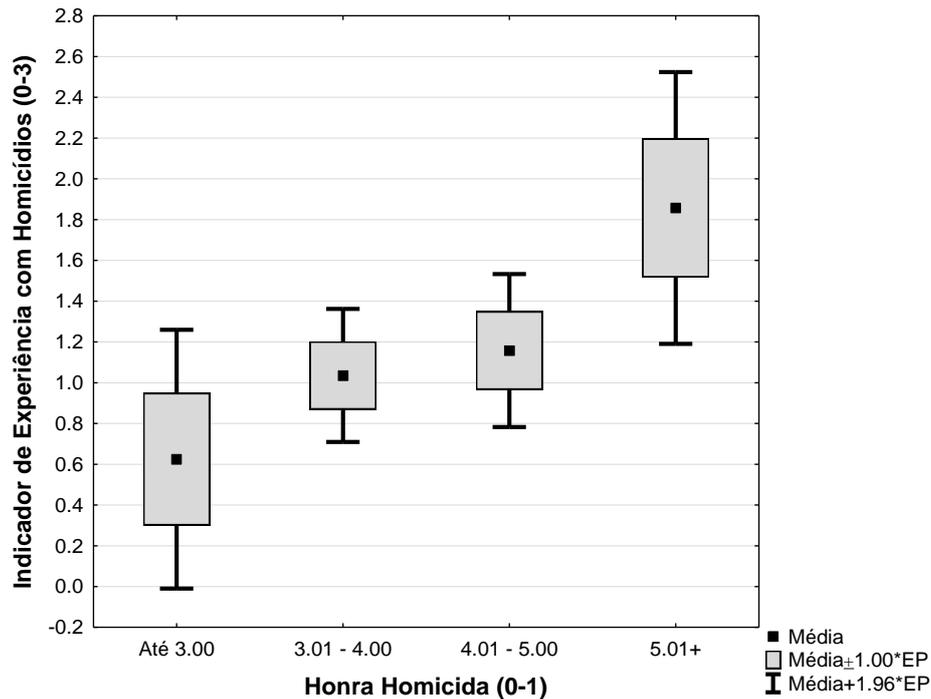
5.3. A HONRA HOMICIDA

A média do indicador de Honra Homicida foi de 3.8 (DP=0.86), com mediana 3.8 e modas múltiplas, variando individualmente de 1.8 a 5.6, dentro de uma faixa possível de 1 a 9.

5.4. HONRA HOMICIDA E EXPERIÊNCIA COM HOMICÍDIOS

O Gráfico 2 mostra, para os participantes, a relação observada entre a Honra Homicida e a Experiência com Homicídios. Gráfico 3.

Gráfico 3: Diagrama box & whiskers da Honra Homicida vs. Experiência com Homicídios:



Houve uma associação positiva e estatisticamente significativa entre o indicador de Experiência com Homicídios e a Honra Homicida categorizada em quatro níveis (Spearman $Rho=0.29$, $t(N-2)=2.385$, $p=0.02$).

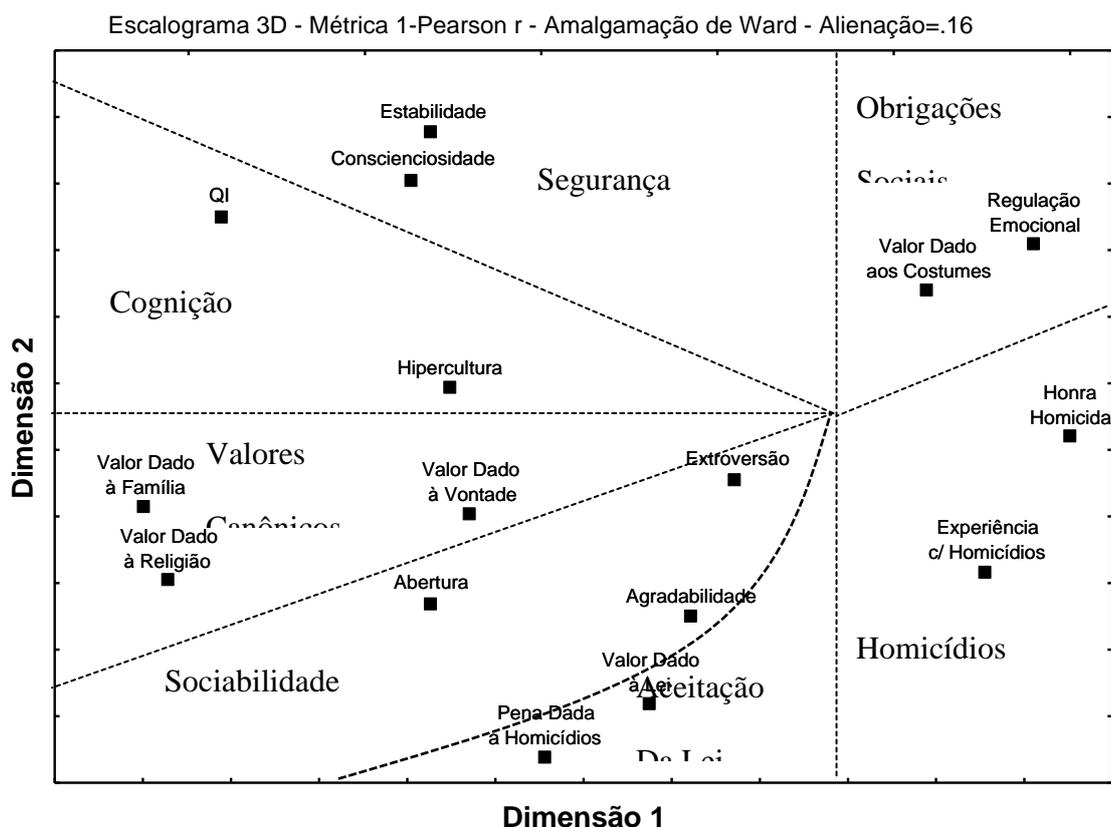
5.5. HONRA HOMICIDA VS. PENALIDADE DADA A HOMICÍDIOS

O indicador de Honra Homicida apresentou correlação negativa e marginalmente significativa com a Pena Média Dada a Homicídios (Spearman $Rho=-0.22$, $t(N-2)=-1.666$; $p=0.10$).

5.6. ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL

O Gráfico 3 mostra o escalograma resultante de uma SSA realizada com as variáveis de personalidade, QI, valor dado a leis, religião, família, vontade e costumes, Regulação Emocional, Experiência com Homicídios e Honra Homicida, sendo mostradas as facetas que foram identificadas.

Gráfico 4: SSA e Facetas do conjunto das principais variáveis de pesquisa.



Identificou-se no escalograma uma estrutura polar com sete facetas, sendo elas: **1) Homicídios:** Experiência c/ Homicídios e Honra Homicida; **2) Aceitação da Lei:** Valor Dado à Lei e Pena Dada a Homicídios; **3) Sociabilidade:** Extroversão, Agradabilidade e Abertura; **4) Valores Canônicos:** Valor Dado a Religião, Família e Vontade; **5) Cognição:** QI e Hipercultura; **6) Segurança:** Estabilidade e Conscienciosidade; **7) Obrigações Sociais:** Valor Dado aos Costumes e Regulação Emocional.

As variáveis que compõem a faceta Homicídios estão mais próximas daquelas que constituem Obrigações Sociais do que as das demais facetas. Em particular, a Honra Homicida mostrou-se mais associada ao Valor Dado aos Costumes e à Regulação Emocional. A segunda faceta mais próxima de Homicídios foi a de Aceitação da Lei e uma parcela da de Sociabilidade, especialmente Extroversão e Agradabilidade. As demais facetas e seus componentes mostraram-se mais distantes de Homicídio.

6. DISCUSSÃO

6.1. EXPERIÊNCIAS E ATITUDES DIANTE DO HOMICÍDIO

A maioria dos participantes (94%) declarou não ter passado pela experiência de ter alguém que morava na sua residência vítima de homicídio, porém mais da metade (55%) afirma conhecer uma vítima que não morava em sua casa e metade (50%) disse conhecer pessoalmente um homicida. Cerca de 66% tiveram alguma experiência direta com homicídios, mas apenas 2% tiveram todas as três.

A pena que a maioria daria aos homicídios ficou ao redor dos 20 anos. A maioria dos homicídios recebeu aproximadamente o mesmo nível de punição, ou seja, entre 18 e 19 anos. Porém, o roubo seguido de morte ("latrocínio") apresentou média ao redor dos 23 anos e o homicídio resultante de uma briga aproximadamente 21 anos.

O nível típico da Honra Homicida mostrou-se relativamente baixo, considerando-se que a maioria dos pesquisados tinham um escore abaixo de 5 numa escala de 1 a 9. O indicador mostrou-se associado positivamente à experiência com homicídios e negativamente à penalidade dada, confirmando as expectativas de que tal atributo cultural estaria ligado à maior propensão ao homicídio.

Ao que tudo indica, o grupo estudado apresenta um grau misto de experiência com o homicídio. Embora a maioria tenha sido tocada pelo fenômeno de modo relevante, poucos foram afetados de forma mais direta pelas consequências deste tipo de crime. Apesar disso, o repúdio a esse delito foi significativo, havendo também um baixo índice de uma cultura propensa ao homicídio.

6.2. UMA VISÃO MULTIDIMENSIONAL DO HOMICÍDIO

A análise multidimensional das principais variáveis de pesquisa produziu achados que permitem uma visão de como o fenômeno dos homicídios (considerado aqui como a Honra Homicida e a Experiência com Homicídios) situa-se com relação a um conjunto abrangente de variáveis psicológicas e socioculturais.

A proximidade observada dos Homicídios das Obrigações Sociais é consistente com a ideia de uma cultura da honra, na qual certos conflitos só podem ser resolvidos por meio do conflito direto e potencialmente letal (Cohen and Nisbett, 1996; Reed, 1982), particularmente no que concerne à relação entre a Honra Homicida e o Valor Dado aos Costumes.

A proximidade da Regulação Emocional com a faceta Homicídios contradiz frontalmente as expectativas levantadas pelos estudos de Assis e Constantino (2005), Del-Bem (2005), Ribeiro e Sani (2009) e Soares (2010), os quais encontraram uma relação inversa desse traço psicológico com a criminalidade. É possível, porém, explicar tal discrepância a partir dos resultados de Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza (2009), Campello de Souza (2010) e Campello de Souza, Roazzi e Campello de Souza (2011) onde o crime de homicídio mostrou-se de natureza psicossocial bem distinta dos demais tipos de delito, de modo a existir espaço para ambos os resultados.

A proximidade da variável Valor Dado aos Costumes, tanto da Regulação Emocional quanto da Honra Homicida, sugere um papel da Regulação Emocional na propensão aos homicídios que seria uma característica cultural a ser interpretada como constituinte da própria cultura da honra. Nesse prisma, a Honra Homicida não atuaria através da exacerbação da emoção, mas por uma pressão social que passa pelo controle emocional, diferente do que ocorreria com a maior parte dos crimes violentos (Assis e Constantino, 2005; Del-Bem, 2005; Ribeiro e Sani, 2009; Soares, 2010).

A faceta de Cognição (QI e Hiperultura) mostrou-se em oposição à faceta dos Homicídios (Honra Homicida e Experiência com Homicídios), estando também distante das Obrigações Sociais (Valor Dado aos Costumes e Regulação Emocional). A partir dos achados de Walsh (1987), isso sugeriria serem os homicídios crimes impulsivos e espontâneos que oferecem gratificação imediata. Porém, tal interpretação não é suportada pelo achado de uma proximidade da Regulação Emocional da Honra Homicida e da Experiência com Homicídios. Considerando-se ter sido observada uma proximidade do Valor Dado aos Costumes da faceta Homicídios, é

possível especular que a forma de atuação da Honra Homicida seria por meio da imposição de uma obrigação que supera ou até contradiz a inteligência e a emoção pessoais.

A faceta dos Homicídios mostrou-se em oposição ainda à dos Valores Canônicos (Valor Dado à Religião, à Família e à Vontade), bem como também à Aceitação da Lei (Valor Dado à Lei e Pena Dada a Homicídios), apontando para um elemento de rejeição de valores tradicionais presente na Honra Homicida.

Em termos de personalidade, a faceta dos Homicídios mostrou-se distante das dimensões de personalidade relativas à Segurança (Conscienciosidade e Estabilidade), indicando um aspecto de desconsideração da cautela ou do cuidado no que concerne à Honra Homicida. Já no que concerne à faceta da Sociabilidade, as dimensões de Extroversão e Agradabilidade mostraram alguma associação com Homicídios, o oposto ocorrendo com a Abertura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou explorar os aspectos psicossociais do homicídio a partir de uma consideração de elementos da cultura da honra, inteligência, emoção, personalidade, hipercultura e a valorização de "bussolas morais" como religião, família, leis, vontade e costumes. Para tanto, foi investigado um grupo de estudantes universitários de direito e enfermagem com variados graus de Honra Homicida e de Experiência com Homicídios cujos dados foram analisados por meio de escalonamento multidimensional e teoria das facetas. Os achados obtidos indicam fortemente que parece existir uma Honra Homicida mensurável, a qual: **1)** Está positivamente associada a diferentes tipos de experiência com homicídios; **2)** Relaciona-se com a valorização dos costumes, embora rejeite os valores tradicionais e o respeito à lei; **3)** Apresenta-se como uma imposição social que tende a entrar em oposição com a inteligência e expressão emocional individuais.

Os resultados não apenas corroboram a teoria da cultura da honra enquanto uma explicação plausível para os homicídios no contexto do nordeste brasileiro (Cohen and Nisbett, 1996; Reed, 1982), mas também sugerem algo acerca dos mecanismos psicossociais envolvidos nesse tipo de crime. Conclui-se, pois, que estudos futuros sobre os homicídios no nordeste brasileiro precisam considerar o impacto dos componentes culturais sobre a psicologia do indivíduo, sendo necessária a realização de pesquisas abrangentes para se poder dar conta de um fenômeno tão complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Simone Gonçalves de, & Constantino, Patrícia. (2005). **Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1), disponível em: 81-90. Retrieved July 04, 2012, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100014&lng=en&tlng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100014>.
- CAMPELLO de Souza, B. (1997). Teste de Pensamento Acadêmico. Projeto de Consultoria. Atual Colégio e Curso.
- CAMPELLO de Souza, B. (2006). A Teoria da Mediação Cognitiva. In: Luciano Meira; Alina Spinillo. (Org.). **Psicologia cognitiva: Cultura, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Recife, Pernambuco: Editora da UFPE, 2006.
- CAMPELLO de Souza, M. G. T. (2010). **Processos Psicológicos do Homicídio**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2010, 119 folhas.
- CAMPELLO de Souza, M. G. T.; Campello de Souza, B. ; Roazzi, A. (2009). **Políticas Públicas e o Problema do Homicídio: A Necessidade de Uma Nova Abordagem**. In: V Seminário de Ciências Políticas

& Relações Internacionais da UFPE, 2009, Recife. Anais do V Seminário de Ciências Políticas & Relações Internacionais da UFPE, 2009.n

CAMPELLO de Souza, B.; Roazzi, A. (2003). **Hipercultura e Pensamento: Tecnologia da Informação e Mediação Cognitiva**. In: IV Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, 2003, João pessoa, PB. Annals of the IV Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, 2003. p. 258-259.

CAMPELLO de Souza, B.; Roazzi, A. (2007). Hipercultura e Inteligencia. In: A. Araujo Candeias & L. S. Almeida. (Org.). **Inteligência Humana: Investigação e Aplicações**. 1 ed. Évora: Quarteto, 2007, v. 1, p. 97-114.

CAMPELLO de Souza, B.; Roazzi, A. (2009). Testing the Robustness of the Hyperculture Concept. In: Arie Cohen. (Org.). **Facet Theory and Scaling in the Search of Structure in Behavioral and Social Sciences**. Jerusalém: Facet Theory Press, 2009, v. , p. 37-56.

CAMPELLO de Souza, B.; De Lima e Silva, Leonardo Xavier ; ROAZZI, Antonio (2010). MMORPGS and cognitive performance: **A study with 1280 Brazilian high school students**. **Computers in Human Behavior**, p. 1564-1573, 2010.

CAMPELLO de Souza, M. G. T.; Roazzi, A. ; Campello de Souza, B. (2011). When Killing is a Legitimate Course of Action: A Multidimensional Investigation into the Culture of Honor as an Explanation for Homicides in Northeastern Brazil. In: Yael Fisher; Isaac A. Friedman. (Org.). **NEW HORIZONS FOR FACET THEORY: Interdisciplinary Collaboration Searching for Structure** in Content Spaces and Measurement. 1ed. Jerusalém: FTA Pub., 2011, v., p. 82-94.

COHEN, D. (1996). Law, **social policy, and violence: The impact of regional cultures**. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 961-978.

COHEN, D e Nisbett, R. E., (1996). **Culture of Honor: The Psychology of Violence in the South**. Boulder, Westview Press Inc..

DEL-BEN, Cristina Marta. (2005). **Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social**. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 32(1), 27-36. Retrieved July 04, 2012, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010160832005000100004&lng=en&tlng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832005000100004>.

EYSENCK, H.J. - **O grande debate sobre a inteligência**. Brasília. EUB. (1981)

GOLDBERG, L. R. (1981). **Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons**. In Wheeler (Ed.), *Review of Personality and social psychology*, Vol. 1, 141-165. Beverly Hills: CA: Sage.

GOLEMAN, Daniel **Inteligência Emocional. Objetiva**: ISBN 8573020806. (1996). 370 p.

GOSLING, S. D., Rentfrow, P. J., and Swann Jr., W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality* 37 (2003) 504-528.

GROSS, J. J. e John, O. Individual Differences in Two Emotion Regulation Processes: Implications for Affect, Relationships, and Well-Being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), (2003). 348-362.

GUERRA, V. M. (2008). Community, Autonomy, and Divinity: Studying morality across cultures. Thesis submitted in partial fulfilment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the Faculty of Social Sciences at the University of Kent, December 2008.

IDOETA, P. A. (2012). **Média de homicídios no Brasil é superior à de guerras, diz estudo**. **BBC Brasil em São Paulo**. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111214_mapaviolencia_pai.shtml. Acessado em 09/05/2012.

MAHONEY, A. A. e Almeida, L. R. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

PORTAL DA SAÚDE (2010). Na Internet em: http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalheNoticia&id_area=124&CO_NOTICIA=12002. Acessado em 23/01/2012.

REED, J.. *One South: An Ethnic Approach to Regional Culture*. Baton Rouge, Louisiana State University, 1982

- RIBEIRO, Maria da Conceição Osório; Sani, Ana Isabel (2009) - Risco, protecção e resiliência em situações de violência. **Revista da Faculdade de Ciências da Saúde**. Porto - Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0480.6 (2009) 400-407.
- ROAZZI, A. e Campello de Souza, B. Novas tendências no estudo da inteligência: Das escalas aos processos.. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, v. 2, n. 3, p. 7-20, 1999.
- RODRIGUEZ Mosquera, P. M., Fischer, A. H., Manstead, A. S. R. e Zaalber, R. Attack, disapproval, or withdrawal? The role of **honour in anger and shame responses to being insulted**. **Cognition & Emotion**, **Volume 22**, Issue 8 December 2008 , pages 1471 - 1498. (2008).
- SILVA, Ana Paula Soares da, & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde. (2002). Continuidade/descontinuidade no envolvimento com o crime: uma discussão crítica da literatura na psicologia do desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 573-585. Retrieved July 04, 2012. de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000300012&lng=en&tlng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000300012>.
- SOARES, Marcos Hirata. (2010). **Estudos sobre transtornos de personalidade Antissocial e Borderline**. **Acta Paulista de Enfermagem**, 23(6), 852-858. Retrieved July 04, 2012, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002010000600021&lng=en&tlng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002010000600021>.
- WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1995.
- WALSH, Anthony (1987) - **Cognitive Functioning and Delinquency: Property versus Violent Offenses**. Na Internet em: <http://ijo.sagepub.com/cgi/content/abstract/31/3/285>. Acesso: Junho/ 2007.